

MICROBIOLOGIA NAS ESCOLAS: CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES ACERCA DE IST

Bárbara Siqueira Lena¹

Vanessa Bley Ribeiro²

Cheila Denise Ottonelli Stopiglia³

Resumo:

A vulnerabilidade dos adolescentes aos riscos mostra-se aumentada quando somada a inexperiência e a ansiedade em ter a primeira experiência sexual, sendo esta, parte das vezes imposta pela sociedade ou grupo no qual este adolescente está inserido ou busca inserção. Diante disso, aponta-se a informação como ferramenta transformadora da realidade vigente, tendo a escola como referência fundamental, através da realização de ações educativas que visem a promoção e a prevenção da saúde do adolescente, possibilitando ao aluno mais um espaço para expor suas experiências e sanar dúvidas. Buscou-se promover atividades extensionistas visando orientar os alunos de forma didática quanto as principais IST causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos. Trata-se de um estudo descritivo, de caráter quantitativo, realizado em uma Escola Estadual de Ensino Médio de Uruguai/RS. Participaram 19 adolescentes de primeiro e segundo ano, foi realizada uma palestra expositiva, cujo tema foram as "Principais Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)", onde foram abordados os meios de transmissão, métodos de prevenção, diagnóstico e tratamento de IST como gonorréia, sífilis, herpes, HPV (Papiloma Vírus Humano) e a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Quando perguntados sobre quais as principais IST que eles conheciam, a mais citada foi a AIDS e a menos citada a herpes. Entretanto no pós-teste, citaram a maioria das IST. Quando questionados sobre as principais formas de prevenir uma DSTs, apesar de 84,2% terem indicado o preservativo, no pré-teste dois alunos citaram pílulas anticoncepcionais como método de prevenir IST, já no pós-teste 100% citou apenas preservativo. Quando questionada a necessidade de uso de preservativo para as diferentes vias sexuais, 100% acreditavam ser necessário nas relações de penetração vaginal e anal, 31,5% consideraram não haver necessidade do para realização de sexo oral, ainda que 89,4% considere sexo oral como potencial transmissor de IST, já no pós-teste apenas um aluno acreditava não ser necessário durante sexo oral. Identificou-se que a maioria dos adolescentes participantes da pesquisa possuem conhecimento geral satisfatório em relação a transmissão, prevenção e tratamento de IST, acredita-se que ações educativas relacionadas a saúde sexual destes adolescentes precisam ser realizadas, para que dúvidas sejam sanadas e informações corretas possam ser disseminadas para/entre os alunos.

Palavras-chave: microbiologia; sexualidade; ist; adolescente

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

MICROBIOLOGIA NAS ESCOLAS: CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES ACERCA DE IST

¹ Aluno de graduação. bah_moder@ yahoo.com.br. Autor principal

² Docente. vanessaribeiro@unipampa.edu.br. Orientador

³ Docente. cheila.dos@gmail.com. Co-orientador



MICROBIOLOGIA NAS ESCOLAS: CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES ACERCA DE IST

1. INTRODUÇÃO

A abordagem da temática sexualidade na adolescência requer manejo coerente com a dimensão de sua importância e impacto social. Considerando que os jovens estão suscetíveis aos riscos advindos deste período de descobertas do corpo e iniciação da vida sexual e reprodutiva, essa temática necessita estar presente no currículo escolar, programas educacionais e Políticas Públicas de Saúde (BESERRA, 2008).

Em pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde (2012), em quinze estados brasileiros, foi identificado que quatro a cada dez adolescentes acreditam não haver necessidade do uso do preservativo em relacionamentos estáveis e, que apenas 9,4% dos entrevistados foram a um centro de saúde obter informações sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Os dados mostram que os jovens não possuem conhecimento sobre IST, sendo que um a cada cinco acredita que pelo uso de mesmos talheres ou copos pode-se contrair o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e 15% pensam que doenças como malária, dengue ou tuberculose são tipos de IST.

A vulnerabilidade aos riscos mostra-se aumentada quando somada a inexperiência e a ansiedade em ter a primeira experiência sexual, sendo esta, parte das vezes imposta pela sociedade ou grupo no qual este adolescente está inserido ou busca inserção. Muitas vezes, são jovens ainda imaturos, realizando a prática sexual precoce e muitas vezes desprotegida, aumentando o risco da aquisição de IST (COSTA, 2013), já que a iniciação sexual precoce e a multiplicidade de parceiros também são apontadas como causa do aumento da incidência de casos de IST entre jovens (SILVA, 2016)

Diante disso, aponta-se a informação como ferramenta transformadora da realidade vigente, tendo a escola como referência fundamental, através da realização de ações educativas que visem a promoção e a prevenção da saúde do adolescente, possibilitando ao aluno mais um espaço para expor suas experiências e sanar dúvidas (COSTA, 2013).

Tendo em vista os fatos apresentados e sabendo que a orientação adequada interfere diretamente na saúde sexual dos alunos, através do projeto “Aplicando a Microbiologia no nosso dia-a-dia: da universidade à escola” buscou-se promover atividades extensionistas visando orientar os alunos de forma didática quanto as principais IST causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, focando principalmente nas formas de transmissão, métodos de prevenção, diagnóstico e tratamento dessas doenças.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa, realizado em uma Escola Estadual de Ensino Médio de Uruguaiana, Rio Grande do Sul. Participaram do estudo duas turmas, totalizando 19 adolescentes de primeiro e segundo ano, escolhidos para participar da atividade, conforme disponibilidade de

horário, pelo orientador pedagógico da instituição. A atividade foi realizada a partir de uma palestra expositiva, cujo tema foram as “Principais Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)”, onde foram abordados os meios de transmissão, métodos de prevenção, diagnóstico e tratamento de IST como Gonorréia, Sífilis, Herpes, HPV (Papiloma Vírus Humano) e a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida).

Como forma de avaliação da atividade, os dados foram coletados através de um questionário com quatro questões abertas e fechadas, aplicadas em formato de pré e pós-teste, as quais foram entregues aos alunos antes e após as atividades de ensino, de forma a analisar conhecimentos prévios, bem como aprendizados adquiridos ou reforçados durante o processo.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Dos 19 alunos que participaram da atividade, todos responderam o pré-teste e apenas 18 responderam o pós-teste.

Quando perguntados sobre quais as principais IST que eles conheciam ou já ouviram falar, a mais citada entre os alunos foi a AIDS e a menos citada a Herpes, como mostra a Tabela 1. No pós-teste, quando responderam a mesma questão, os percentuais aumentaram significativamente para a maioria das IST, quando comparado aos percentuais do pré-teste (Tabela 1). A partir desse resultado é possível constatar que a maioria dos estudantes já possuíam conhecimento prévio e estavam, portanto, mais familiarizados com a AIDS e a Sífilis. A citação das demais ISTs abordadas no encontro e, referidas por grande parte dos alunos apenas após a apresentação, demonstra que eles foram capazes de compreender que existem outras IST clinicamente relevantes. Situação semelhante ocorreu em um estudo realizado com 360 jovens do sexo feminino, estudantes da rede estadual de Vespasiano/MG, onde a AIDS e a Sífilis foram referidas por 100% e 90,2% das adolescentes, respectivamente (FERREIRA, MIRANDA, BARONI, 2016).

Tabela 1: Principais IST citadas pelos alunos no pré e no pós-teste.

IST	Pré-teste	Pós-teste
AIDS	84,2%	100%
Sífilis	78,9%	78,9%
Gonorréia	47,3%	100%
HPV	15,9%	63,1%
Herpes	5,2%	94,7%

Uma das questões abordou as formas de prevenção das IST, por meio do seguinte questionamento: “ Se você tivesse que recomendar a um amigo, qual(is) seria(m) as principais formas de prevenir uma DSTs?”. Embora, 84,2% da turma tenha dado como resposta o uso de preservativos, dois estudantes responderam que a pílula anticoncepcional e pílula do dia seguinte serviam como método de prevenção de IST, evidenciando uma questão frequente que acontece entre os adolescentes e, também, entre muitos adultos, que é a confusão entre a prevenção de gravidez e a prevenção contra ISTs. Após o esclarecimento das dúvidas, no pós-teste, 100% dos estudantes citaram apenas preservativo como método de prevenção.

Durante a palestra, abordou-se também os tratamentos adequados para as IST apresentadas, sendo estes, a utilização de antibióticos, no caso das doenças de origem bacteriana, como gonorréia e sífilis, e os que são utilizados apenas como controle, pois não há cura, como ocorre para a maioria das doenças virais, tais como a AIDS e a herpes genital. Foi comentado ainda, sobre o HPV e suas particularidades, onde 80% dos casos o sistema imunológico é capaz de eliminar o vírus por completo em torno de um a dois anos após a contaminação. Todavia, nos casos onde não há remissão, o tratamento com ácido tricloroacético ou laser é utilizado para cauterização das verrugas, bem como, pode ser necessária a retirada completa do útero, nos casos mais graves, de neoplasia de colo de útero.

Ao questionamento de haver cura para as IST, 15,7% dos alunos acreditavam haver cura, mantendo a mesma resposta durante o pré e pós-teste. Em Silva (2016), observa-se que dentre os participantes, quando questionados se haveria cura para a AIDS, 79% acreditam não haver cura, 14% não sabiam, e 7% acreditam que sim.

Os alunos também foram questionados sobre a necessidade de uso de preservativo para pessoas que namoram há algum tempo e apenas dois (10,5%) indivíduos acreditavam não haver necessidade de realizar sexo protegido em relacionamento estável. No estudo de Ferreira e colaboradores (2016), 23,3% das adolescentes entrevistadas acreditavam ser desnecessário o uso de preservativo com o namorado, sendo que 26,4% acreditam haver necessidade de utilização apenas no início do relacionamento. Apesar disso, constata-se que, teoricamente, o uso de preservativo já é um conceito popularizado entre os jovens, considerando que a maioria dos estudantes está ciente sobre a necessidade do seu uso tanto em relações com parceiro habitual ou não. Por outro lado, quando foram perguntados sobre a necessidade de uso de preservativo para as diferentes vias sexuais, enquanto 100% acreditavam ser necessário nas relações de penetração vaginal e anal, 31,5% consideraram não haver necessidade do uso de preservativo para realização de sexo oral no pré-teste. No pós-teste apenas um (5,2%) estudante manteve a resposta de que para realizar sexo oral não havia necessidade de usar o preservativo. Dado semelhante foi encontrado por Ferreira e colaboradores (2016), onde apenas 47,7% das entrevistadas considerou a camisinha indispensável em relações anais e orais.

A Tabela 2 mostra os resultados do pré e pós-teste para o que os alunos consideravam como meios de transmissão de ISTs. Esta pergunta foi elaborada de forma que as opções que aparecem na tabela foram fornecidas aos estudantes e os mesmos deveriam marcar qual delas consideravam meios potenciais de transmissão.

Tabela 2: Meios de transmissão de IST

Meio de transmissão	Pré-teste	Pós-teste
Sexo oral	89,4%	100%
Sexo vaginal	89,4%	100%
Sexo anal	84,2%	100%
Troca de talheres	5,2%	5,2%
Abraço	5,2%	0%
Esfregar no corpo toalha contaminada por IST	78,9%	94,7%
Troca de secreções	89,4%	94,7%

Pode-se observar no pré-teste que grande parte dos alunos já possuíam conhecimento prévio em relação aos métodos de transmissão destas infecções. Interessantemente, 89,4% dos alunos considerou o sexo oral como potencial transmissor de IST, embora, inicialmente, 31,5% não consideravam necessário o uso do preservativo para esta via sexual.

Em contrapartida, em estudo realizado na cidade de Natal, com 222 pessoas, foi identificado que 55% dos entrevistados não sabiam se o sexo oral poderia transmitir IST, 33% acreditavam que sim, enquanto 12% acreditavam que não. Já para a prática de sexo anal, 63% acreditavam que sim e apenas 7% que não. Quanto à possibilidade de transmissão de ISTs através do uso de talheres ou copos utilizados por pessoas infectadas, este mesmo estudo revelou que 38% dos entrevistados acreditavam que sim ou não sabiam afirmar. Em relação ao abraço, 11% responderam que não sabiam e 6% acreditavam que poderia ser uma fonte de infecção (SILVA, 2016).

Por fim, foi questionado aos estudantes se um grande número de parceiros sexuais aumentaria ou não o risco de transmissão/contaminação de IST, sendo identificado durante o pré e pós-teste que 21% dos adolescentes acredita não aumentar a predisposição às IST.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificou-se que a maioria dos adolescentes participantes da pesquisa possuem conhecimento geral satisfatório em relação a transmissão, prevenção e tratamento de IST. Porém, foram identificadas lacunas, uma delas, em relação a identificação de algumas destas IST, que foram sanadas após a execução da atividade.

Diante dos resultados, acredita-se que ações educativas relacionadas a saúde sexual destes adolescentes precisam ser realizadas, para que dúvidas sejam sanadas e informações corretas possam ser disseminadas para/entre os alunos.

Espera-se dar continuidade nas atividades de extensão, junto ao projeto “Aplicando a Microbiologia no nosso dia-a-dia: da universidade à escola”, no intuito de contemplar maior número de alunos de Escolas de Ensino Médio do município, promovendo encontros para orientação e capacitação destes alunos, em busca de proporcionar informações para que realizem um cuidado adequado a sua saúde, proporcionando qualidade de vida a esses adolescentes e às pessoas que com quem convivem.

5. REFERÊNCIAS

BESERRA, Eveline P et al. **Adolescência e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: UMA PESQUISA DOCUMENTAL**. 2008. Disponível em: <<http://www.dst.uff.br/revista20-1-2008/5.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Juventude, Comportamento e DST/Aids**. 2012. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2012/12/jovens-brasileiros-nao-tem-conhecimento-sobre-dsts-e-formas-de-infeccao-diz-estudo>>. Acesso em: 23 set. 2017.

COSTA, Ana Cristina Pereira de Jesus et al. **Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV.** 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rngen/v34n3/a23v34n3.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

FERREIRA, João Paulo Tavares; MIRANDA, Tatiane; BARONI, Ana Luiza Lunardi Rocha. **Conhecimento sobre as DST entre adolescentes escolares em Vespasiano, Minas Gerais.** 2016. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/audiencia_pdf.asp?aid2=584&nomeArquivo=v13s2a07.pdf>. Acesso em: 23 set. 2017.

SILVA, Richardson Augusto Rosendo da et al. **Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação as DST/HIV/AIDS.** 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3634/pdf_1>. Acesso em: 23 set. 2017.